CONVERGÊNCIAS ESPAÇO-TEMPORAIS NAS MEMORIALÍSTICAS DE AUGUSTO MEYER E DE PEDRO NAVA

Paulo Bungart Neto[1]
Universidade Federal da
Grande Dourados

RESUMO:

Tendo vivido no Rio de Janeiro a partir do final da década de 1930, tanto Augusto Meyer quanto Pedro Nava reconstituíram, em suas obras memorialísticas (sobretudo em "Rua da Praia", 1966, e em "Evocação da Rua da Bahia", 1976, respectivamente), aspectos típicos das cidades onde passaram a juventude – Porto Alegre, no caso de Meyer, e Belo Horizonte, no de Nava. Provincianas no início do século XX, tais capitais são revividas e revalorizadas através da evocação ao ambiente de intensa efervescência cultural simbolizada pela fidelidade dos escritores aos cinemas, livrarias, ruas e bares mais representativos dessas cidades, para os quais convergiam intelectuais que viriam a renovar a literatura modernista brasileira. Demonstro, neste artigo, uma série de afinidades entre as recriações memorialísticas de Augusto Meyer e de Pedro Nava tendo como foco a reconfiguração espacial dos lugares mais freqüentados pelas primeiras gerações modernistas nas duas capitais mencionadas acima. Na primeira, a Rua da Praia, o Café Colombo e os cinemas Odeon e Ideal são os pontos de encontro eleitos pelos jovens escritores porto-alegrenses para ambientar as discussões envolvendo as tendências vanguardistas das correntes literárias da época. Na segunda, a Rua da Bahia, o Bar do Ponto, a redação do Diário de Minas e a Livraria Alves aglutinavam, por sua vez, a talentosa geração mineira a que pertenciam, além de Nava, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Abgar Renault, Gustavo Capanema e, mais tarde, Guilhermino Cesar, Cyro dos Anjos e Ascânio Lopes.

Palavras-chave: Memorialística; Augusto Meyer (1902-1970); Pedro Nava (1903-1984); Rio de Janeiro; Porto Alegre; Belo Horizonte.

1 Doutor em Literatura Comparada. Professor na FACALE/UFGD.

ABSTRACT:

Having lived in Rio de Janeiro in the late 1930s, both Augusto Meyer and Pedro Nava reconstituted, in their memoirs (mainly in "Rua da Praia" ["Beach street"], 1966, and in "Evocação da Rua da Bahia" ["Evocation of the Bahia street"], 1976, respectively), typical aspects of the cities where they spent their youth – Porto Alegre, in Augusto Meyer's case, and Belo Horizonte, in Nava's case. Provincial in the beginning of the 20th century, such capitals are revived and revalued by evoking an atmosphere of intensive cultural effervescence symbolized by the writers' loyalty to the most representative movie theaters, bookstores, streets and bars of those cities, to which converged intellectuals who would renew the Brazilian modernist literature. In this article, I show a series of affinities between the memorial recreations of Augusto Meyer and Pedro Nava focusing the spatial reconfiguration of the places the first modernist generations used to frequent in the two capitals above mentioned. In the first one, the "Rua da Praia" ["Beach street"], the "Café Colombo" ["Colombo Cafe"] and the Odeon and Ideal movie theaters were the environment and the points of convergence the young Porto-Alegre writers elected to discuss the vanguard trends of the different literary groups of that time. In the second one, the "Rua da Bahia" ["Bahia street"], the "Bar do Ponto" ["Point Bar"], the newsroom of "Diário de Minas" ["Diary of Minas"] and the "Livraria Alves" ["Alves Bookstore"] joined together the talented generation from Minas Gerais to which belonged, besides Nava, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Abgar Renault, Gustavo Capanema and, later, Guilhermino Cesar, Cyro dos Anjos and Ascânio Lopes.

Keywords: Memoirs; Augusto Meyer (1902-1970); Pedro Nava (1903-1984); Rio de Janeiro; Porto Alegre; Belo Horizonte.

Para Tania Franco Carvalhal

Obras memorialísticas são as mais líricas, completas e complexas reelaborações do tempo e do espaço perdidos. Somente através do relato em forma de memórias é possível substituir, mesmo que provisoriamente, o tempo presente por um tempo morto no passado. "Morto" enquanto passado "puro", e muito "vivo" quando ressuscitado pela memória. Ao comentar, em *O espaço proustiano* (POULET, 1992), a espetacular aventura levada a cabo por Marcel Proust, Georges Poulet repara que *A la recherche du temps perdu* não recupera apenas o tempo, dissipado em frivolidades e mundanismos, mas sobretudo espaços edênicos de uma infância e juventude revividas e ressignificadas. Assim procedem também o gaúcho Augusto Meyer e o mineiro Pedro Nava. Proustianos convictos e assumidos, ambos dedicar-se-iam, no início da segunda metade do século XX e na cidade

do Rio de Janeiro, a recriar, respectivamente, certo Porto Alegre e certo Belo Horizonte românticos, provincianos, representativos de um tempo em que tudo respirava ares de novidade: o movimento modernista; a formação urbana das capitais brasileiras – hoje saturadas à exaustão, babéis superpovoadas e poluídas; e a própria juventude dos escritores, pródiga em vivência, imaginação e lirismo.

Diga-se de passagem que os dois memorialistas quase se conheceram pessoalmente – morando no Rio de Janeiro a partir da década de 1930 (Meyer a partir de 1937, Nava, de 1934), por pouco não conviveram, já que tinham amigos em comum, não fosse a "casmurrice" do caramujo Augusto Meyer, conforme conta Raymundo Faoro em texto sobre Sérgio Buarque de Holanda. Afirma o autor de *A pirâmide e o trapézio*:

> Quando possível, formava-se um grupo para o jantar, Francisco de Assis Barbosa, Pedro Nava, Afonso Arinos. Eu algumas vezes ligava para Augusto Meyer, para que ele se juntasse a nós. Ele se mostrava decidido a comparecer ao jantar. Perguntava a hora do encontro: 'Meyer, às nove está bem?'. 'Quem sabe', dizia, 'às nove e quinze?'. Ele não aparecia nunca, apesar da segurança da resposta. (FAORO, 2002, p. 06)

As convergências entre as duas obras memorialísticas são inúmeras, conforme demonstro no subcapítulo "Confluências entre as memorialísticas de Augusto Meyer e de Pedro Nava", presente em minha tese de Doutoramento, orientada pela Profª. Drª. Tania Franco Carvalhal (e também pela Profª. Drª. Maria Luiza Berwanger da Silva), intitulada *Augusto Meyer proustiano: a reinvenção memorialística do eu* (Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007), e se relacionam a questões temáticas e estruturais que apontam para uma profunda intertextualidade quando procedemos a detalhado confronto entre estas obras paradigmáticas do memorialismo em nossa literatura.

Ambos eram aficionados por cinema e artes plásticas; ambos tiveram tios como modelos intelectuais (Augusto, o professor Emilio Meyer; Nava, o escritor e membro da *Padaria Espiritual*, Antônio Sales); ambos confessaram suas primeiras experiências sexuais e o despertar do interesse por cigarro, pelo desenho e pela literatura francesa; ambos criaram seu alter-ego (Augusto Meyer, o excêntrico Bilu; Pedro Nava, José Egon Barros da Cunha, com quem compartilha a narração dos últimos volumes de suas *Memórias*, a saber: *Galo das trevas*, quinto volume; *O círio perfeito*, o sexto; e *Cera das almas*, o sétimo e inacabado volume, publicado em 2006

pela Ateliê Editorial em parceria com a Editora Giordano).

No entanto, as maiores aproximações se dão justamente na representação dos espaços perdidos e reencontrados, fato que não dispensa nem mesmo uma curiosa correspondência onomástica – refiro-me à conhecida paráfrase que Pedro Nava faz de trecho de Eça de Queiroz e com o qual abre o primeiro volume de suas *Memórias*, aludindo ao primeiro nome dado à cidade de Juiz de Fora: "Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais" (NAVA, 1984, p. 19). Augusto Meyer também teve o seu "Caminho Novo", ou melhor, dois: primeiramente, o de Porto Alegre, como era conhecida a rua Voluntários da Pátria, que liga o bairro Navegantes ao centro da cidade[2]; e, posteriormente, no Rio de Janeiro, o "Caminho Novo" de Botafogo, citado no ensaio "A casa de Rubião" (MEYER, *A forma secreta*, 1964):

> E aqui, entre o Caminho Velho da Pedreira e o Caminho Novo de Botafogo, entre Senador Vergueiro e Marquês de Abrantes, comecei a criar musgo. Tanto musgo já criei, afinal, que hoje não posso admitir uma querência que não envolva no mesmo abraço as duas enseadas: Guaíba e Guanabara. Creio que a Geografia não impede essas transfusões da saudade, espécie de lição errada, mas muito certa no atlas da memória sentimental. (MEYER, 1964, p. 46)

Esta fusão que a memória "sentimental" de Augusto Meyer opera, criando uma espécie de *Guaibanabara* conveniente a sua reinvenção, é um belo exemplo do tipo de "espaço interior" que o memorialista cria para aliar lembrança e imaginação, espaço real e espaço virtual, isto é, um "real" "idealizado", próprio das reminiscências. Mais do que a sugestiva alusão, portanto, aos respectivos "Caminhos Novos", as obras de Augusto Meyer e de Pedro Nava convergem sobretudo por reconstituírem, estando os sujeitos das memórias no mesmo espaço (a cidade do Rio de Janeiro), as cenas mais marcantes e os lugares mais representativos de suas infâncias e adolescências.

Estas confluências espaço-temporais se tornam ainda mais profundas na medida em que os dois escritores se referem à mesma época (as décadas de 1920 e 1930) e resgatam praticamente os mesmos tipos de estabelecimentos comerciais – "culturais", digamos: livraria, cinema e bar – e de aspectos topográficos. Explico melhor: enquanto Augusto Meyer eterniza, em *Segredos da infância* e em *No tempo da flor*, a "rua da Praia"

2 "Abre-se uma fresta para outros lados da saudade e vejo Dudu e Fandango, os dois negrinhos que brincavam comigo no quintal da velha casa do Caminho Novo." (MEYER, "Posfácio à segunda edição de *Segredos da infância*", 1997, p. 88)

(rua dos Andradas), em Porto Alegre, e nela seus bares, livrarias e cinemas, Pedro Nava, sobretudo no quarto volume (*Beira-mar*) de suas *Memórias*, registra sua convivência com diversas gerações modernistas, vindas dos quatro cantos de Minas, nos bares, livrarias e cinemas da rua da Bahia, na então pacata Belo Horizonte do início do século XX.

Acanhadas nesta época, as capitais gaúcha e mineira são revividas nostalgicamente e ressignificadas por aquilo que viria a seduzir profundamente a primeira geração modernista: o ambiente de intensa efervescência cultural simbolizada pela fidelidade dos escritores aos encontros boêmio-literários nas ruas da Praia e da Bahia. Se os escritores simbolistas preferiam viver e produzir enclausurados em inacessíveis "torres de marfim", os modernistas propagavam seus ideais em sonoras discussões de mesa de bar, ampliando seus horizontes e divulgando a nova escola "aos quatro ventos". Daí a necessidade da eleição de ruas paradigmáticas (a da Praia na obra de Meyer, a da Bahia na de Nava) e, nestas, de bares (Antonello, em Porto Alegre; Bar do Ponto e Estrela em Belo Horizonte); livrarias (Globo e Alves, respectivamente); redações (do *Correio do Povo* e do *Diário de Minas*); e cinemas (Odeon, Ideal, etc).

A Rua da Praia foi, para a geração de Augusto Meyer, a "estrada real" da formação de todos eles, o ponto mais representativo da "topografia sentimental da cidade" (1966, p. 123), "o vago e fascinante país dos cinemas" e "das vitrinas que enchiam o olho" (1966, p. 124) e, por esse motivo, o "caminho obrigatório das recordações" do grupo que se reunia em frente à Livraria do Globo e em torno de escritores como Teodemiro Tostes, Moisés Vellinho, João Pinto da Silva, Mansueto Bernardi e muitos outros. Pedro Nava e os literatos mineiros também tiveram a sua "Rua da Praia" – a famosa Rua da Bahia, no centro de Belo Horizonte, eternizada no Anexo I de *Chão de ferro*, intitulado "Evocação da Rua da Bahia". Se os escritores gaúchos convergiam, sem exceção, para a Rua da Praia, em Belo Horizonte,

> (...) Todos os caminhos iam à Rua da Bahia. Da Rua da Bahia partiam vias para os fundos do fim do mundo, para os tramontes dos acabaminas... A simples reta urbana... Mas seria uma reta? Ou antes, a curva? Era a reta, a reta sem tempo, a reta continente dos segredos dos infinitos paralelos. E era a curva. A imarcescível curva, épura dos passos projetados, imanências das ciclóides, círculo infinito... Nós sabíamos, o Carlos [Drummond de Andrade] tinha dito. A Rua da Bahia era uma rua sem princípio nem fim. (NAVA, *Chão de ferro*, 1976, p. 352)

E da mesma maneira que em Porto Alegre havia o "grupo da Livraria do Globo", em Belo Horizonte formou-se o "grupo da Rua da Bahia", encabeçado por Drummond, Emílio Moura, Alberto Campos e Milton Campos, grupo que tinha "no corpo o demônio da Rua da Bahia e seu espírito movia-se sobre Minas e sobre a face das águas" (NAVA, 1976, p. 351):

> Não tenho bem uma noção exata de como se formou naquela noite memorável dos 22 a diversão descomunal. (...) Estávamos eu, Paulo Machado e Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti, catecúmenos – aprendendo e admirando. E estava o poeta Carlos Drummond de Andrade, logo preferido, imediatamente amado. Datou dessa noite de poesia e detonações a nossa confraternização e por seu intermédio é que vim a estreitar relações para nele ingressar logo depois, com o grupo de que faziam parte ou de que viriam a fazer parte o poeta ele mesmo, Francisco Martins de Almeida, Hamilton de Paula, Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Souza, João Pinheiro Filho, Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, Emílio Moura, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, Dario Magalhães, João Alphonsus de Guimaraens e Milton Campos. (Entrariam mais tarde nesse grupo – Cyro Versiani dos Anjos, Guilhermino Cesar, Ascânio Lopes, Luís Camilo). O grupo chamado 'do *Estrela*', mas essencial e fundamentalmente o grupo da Rua da Bahia – da polidimensional, da inumerável, da ditirâmbica, da eterna Rua da Bahia... (NAVA, *Chão de ferro*, 1976, p. 350; grifo do autor)

Tanto Augusto Meyer quanto Pedro Nava exaltaram o crepúsculo visto a partir das ruas amadas, sugerindo que o espetáculo diário do entardecer complementa e dá toques de requinte pictórico à paisagem já tão admirada, pois do "artificial" da "reta urbana" (isto é, da "urbanidade" concreta de ruas, cinemas, espelhos e *flânerie*) vislumbra-se o "natural" (a singeleza abstrata e adolescente do sol que, ao se pôr, descreve a "imarcescível" e inalterável "curva"). Leiamos os trechos dispondo-os lado a lado:

> Lá fora, na Rua da Praia, o longo e arrastado resto do crepúsculo parecia espectral, irreal, quase pesadelar. As vitrinas projetavam na calçada as primeiras faixas de luz. Misturavam-se ainda os dois mundos de imagens contrastantes, o da tela e o da vidinha de todos os dias. Sherlock Holmes ia conosco pela rua, cachimbando, meditando, sorrindo a uma iluminação de pista inesperada, em meio do labirinto das conjeturas... Cada qual, muito lá por dentro e para si mesmo, entre duas baforadas hipotéticas, discretamente e sem macaqueações, reconhecia-se em cada traço do herói da história. Os gordos sentiam-se aduncos e os magros glorificados. (MEYER, "Cine Insônia", *No tempo da flor*, 1966, p. 33-4)

> Esseencontroderuas[Bahia, Espírito Santo e Timbiras] era um dos locais preferidos pelos amadores de crepúsculo, cotidianamente postados nas cristas da ribanceira para o espetáculo prodigioso e cada dia renovado desses poentes que só existem em Belo Horizonte e mais particularmente no fim da Avenida Álvares Cabral. (NAVA, *Chão de ferro*, 1976, p. 349)

A Rua da Praia, como vemos, simboliza todas as ruas do centro antigo de Porto Alegre, assim como a Rua da Bahia é, para os mineiros, todas as ruas de certa cidade romântica que, hoje irreconhecível, teima em se perpetuar pelo registro memorialístico e pela imaginação de quem associa sua juventude ao "espírito" das "velhas ruas" de Belo Horizonte:

> Ruávamos quase o dia inteiro. Nossa vida era um ir e vir constante nas ruas de Belo Horizonte. E o mais estranho é que hoje elas se esvaíram completamente. Mesmo voltando, mesmo palmilhando os lugares essenciais de nossa mocidade é impossível captar as velhas ruas como elas eram a não ser refazendo-as imaginariamente ou agarrando fragmentos fornecidos pelo sonho. E para isso não se precisa nem voltar a Belo Horizonte. (NAVA, *Beira-mar*, 3 ed, 1985, p. 255-6)

Em seu "Noturno porto-alegrense", Augusto Meyer também se agarra a "fragmentos fornecidos pelo sonho" para reconstituir a "via-crucis" que ele e Teodemiro Tostes faziam, de madrugada, pelos bares e

"ruas livres" de um centro embalado a chope, cigarro, canha, música de vitrola e vento:

> Vai começar a noite na cidade camarada. / Poeta, a canha tem uma estrela trêmula no fundo. // (...) Agora estamos no Berger. / Marcelo adorava o camarão à baiana, / oh ótimo! / Marcelo, ceguinho musical. // Agora vamos na rua, à toa, / o vento frio limpa as estrelas de geada, / meu coração toca música serena, / vamos sem rumo na noite camarada. // (...) Agora estamos no Antonello: / bar bruaá vitrola, / o chope louro espuma a franja branca / e o meu chapéu tem cara triste de cabide. / Bebe a melancolia dos goles sonolentos, / enquanto arde na ponta de cada cigarro / a poesia impalpável do tédio feliz. // Ó madrugadinha das ruas livres... / Velório dos lampiões na folhagem da praça. / Vagabundo assobia o último tango milongueiro. / Passa a mendiga paralítica, / vem o primeiro verdureiro. // Que vontade de andar sem parar / quando a bruma gelada enche o peito / e os galos cantam no arraial da madrugada... (MEYER, *Poesias*, 1957, p. 187-9)

A fidelidade do grupo de Meyer ao bar Antonello parece ter sido incondicional – em 1931, no iconoclasta *Literatura e poesia*, lemos no capítulo que leva o nome do recinto que, para Meyer,

> O bar é um mundo – boiotas gravitam em torno das mesas. Como tudo é estranho nas caras banais... O Anjo Azrael anda no meio dos grupos com a espada negra e ninguém vê como é fino o fio de linha que nos prende. Os homens sofrem de uma catarata preciosa. (...) Gira o disco, batem os dados, bebem as bocas. Seu Nunes corta rodelas de presunto. (MEYER, "Antonello", 1931, p. 20)

Assim, vemos que na obra de Augusto Meyer as referências às ruas e bares prediletos não se restringem à memorialística – em sua poesia são constantes as alusões à boemia dos intelectuais que, cúmplices de copo e tabaco, passavam a noite discutindo e bebendo, para tudo acabar em silêncio e fumaça, como nos versos iniciais de "No bar", pertencente a *Giraluz*:

> Não vejo mais o espelho amigo dos teus olhos, / irmãos, nem a dor fina dos teus dedos / que tremem sempre de emoção, erguendo o copo. // Só vejo as pálpebras caídas / e a brasa ardendo no cigarro. // O resto é fumaça, / silêncio, fumaça, / a eternidade da amargura entre dois goles. // (Tudo era um jogo luminoso de vertigens / que brincavam de roda sobre a morte / e giravam cantando sobre o amor...) (MEYER, *Poesias*, 1957, p. 97)

Em "Balada e canha", uma nova personagem se soma ao amálgama

de literatura, álcool, música e cigarro – a mulher, "criatura sem destino" a acompanhar os boêmios nas incursões noctívagas e hedonistas em busca do prazer da carne insaciável e do espírito inquieto que desafia amor e morte:

> Tu vais beber a estrela clara no copo. / A amargura é o teu novo padre nosso. / Bar ingênuo com balcão de zinco, / Lurdes, Marieta, criaturas sem destino, / mais uma! Engulo a vida no copo. / O amor dilui, o amor dilui meu coração: / depois do amor o que será? // (...) Sentido! as casas mudas se perfilam. / Dança o meu crânio, estuário profundo. / No azul redondo estrelinhas cochilam. / Teu coração é o grande pêndulo sidéreo: / tique-taque, era uma vez o mundo. / Canta o mesmo refrão – trá lá lá, / empina o vinho venenoso do mistério... / Depois da morte o que será? (MEYER, *Poesias*, 1957, p. 154)

Para Pedro Nava, o Bar do Ponto, na capital mineira, também representava tudo isto e muito mais, já que o estabelecimento arraigou-se ao inconsciente coletivo belo-horizontino de maneira referencial e hiperbólica, sobrepujando a própria toponímia de seus arredores. Logo no início de *Beira-mar*, Nava comenta que

> O café chamado *Bar do Ponto* estava para Belo Horizonte como a *Brahma* para o Rio. Servia de referência. No Bar do Ponto. Em frente ao Bar do Ponto. Na esquina do Bar do Ponto. Encontros de amigos, encontros de obrigação. O nome acabou extrapolando, se estendendo, ultrapassando o estabelecimento, passando a designar o polígono formado pelo cruzamento de Afonso Pena com Bahia – local onde termina também a ladeira da rua dos Tupis. Enraizou-se tanto na toponímia da cidade que fez desaparecer, imaginem! o nome do Alferes – Praça Tiradentes – que figurava nos antigos mapas de Belo Horizonte. (NAVA, 3 ed, 1985, p. 04; grifo do autor)[3]

Se os bares podem ser considerados extensões da atividade literária de Meyer e de Nava, o que não dizer da importância das livrarias para a vida e a obra de ambos, afora as redações e cinemas? Certamente as livrarias do Globo, em Porto Alegre, e Alves, em Belo Horizonte, forneceram aos jovens literatos, nas décadas de 20 e de 30, os alicerces culturais que utilizariam ao

3 Em *Vísceras da memória*, explica Antônio Sérgio Bueno que: "O Bar do Ponto, que durou de 1907 ao final da década de trinta, situava-se onde hoje se encontra o Othon Hotel, esquina da Avenida Afonso Pena com Rua da Bahia, e era o centro nervoso da opinião pública, a 'meca boateira de Belo Horizonte', em que se formavam e se demoliam reputações" (BUENO, 1997, p. 36). Sobre a idéia das cidades, bairros e ruas como "entes legíveis para o sujeito das memórias de Pedro Nava" (BUENO, 1997, p. 62), ver "Em frente a uma janela iluminada" (1997, p. 62-68), último item de "Espaço", primeiro capítulo do estudo de Antônio Sérgio Bueno.

longo de suas férteis e copiosas produções literárias, embasadas na leitura e na convivência com companheiros que possuíam praticamente os mesmos gostos e interesses. Em "Rua da Praia", pertencente a *No tempo da flor*, acompanhamos a comovente reconstituição que Augusto Meyer faz do ambiente de "comunhão literária" vivido, às portas da Livraria do Globo, juntamente com Moisés Vellinho, Teodemiro Tostes, Rubens de Barcelos, João Pinto da Silva, Vargas Neto e vários outros, reconstituição para a qual o escritor julgou necessário "avivar a fantasia", "puxar pela memória" e "convocar engenho e arte" a fim de precisar "o que chegou a significar", para ele, "a Rua da Praia aos sábados, em frente da Livraria do Globo", rua que concentrava as redações dos três jornais nos quais Meyer iniciara sua carreira literária: *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *A Federação* (MEYER, 1966, p. 129). Quanto à Livraria Alves, Pedro Nava descreve, em *Beira-mar*, a chegada dos caixotes vindos da Europa via Rio de Janeiro, e a surpresa dos intelectuais com a presença "ilustre" da *Recherche* no farto material recebido (NAVA, 1985, 3 ed, p. 97). Destaca também a localização exata do estabelecimento, no lado direito de quem sobe a "eterna" e "polidimensional" rua:

> A sucursal do livreiro Alves ficava no segundo quarteirão à direita de quem subia a rua da Bahia, de que era, nesse ponto, o penúltimo prédio. Um simpático sobrado pintado de claro e manchado da poeira sépia de Belo Horizonte. Tinha duas numerações: 1.052, a livraria e 1.062, portãozinho que subia para o andar residencial de cima, ocupado pelo Dr. Pedro Paulo Pereira, quando esse médico mudou-se de sua aprazível residência à Avenida Afonso Pena, 2.484. (NAVA, *Beira-mar*, 3 ed, 1985, p. 96)

Crepúsculo, cinema mudo, livraria, bar, a *flânerie* nas ruas do centro – todas estas "convergências espaço-temporais" são sintomáticas e denunciam certo tipo de engajamento que só os modernistas lograram obter: aquele que alia o fazer literário particular ao coletivo, à medida que o verso e a prosa saem dos gabinetes e escritórios e passam a freqüentar as ruas, praças e cafés dos grandes centros urbanos. Contudo, mais do que isto, as inúmeras confluências entre as obras memorialísticas de Augusto Meyer e de Pedro Nava impressionam porque, semi-ocultas pelo véu da afinidade entre os episódios narrados, as razões que orientam suas motivações mais profundas são especialmente proustianas, e suas obras, reflexos da perplexidade de Eus que, fragmentados e enfeitiçados pela "Bela Adormecida no Bosque", colocam-se obstinadamente à procura dos "arquipélagos" perdidos no

"mar" do tempo, involuntariamente reencontrados através do vento, de casas, rabanetes e rapaduras, as "bolachas no chá quente" das evocações daqueles cujos interesses e tendências, aparentemente tão distantes (um, poeta e crítico, o outro, médico reumatologista), congregam-se no memorialismo que reunifica identidades esquecidas, recupera paisagens e dá sentido a histórias rememoradas com rara intensidade, despojamento e sincera saudade.

REFERÊNCIAS

BUENO, Antônio Sérgio. *Vísceras da memória – Uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

BUNGART NETO, Paulo. *Augusto Meyer proustiano: a reinvenção memorialística do eu*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2007. (Tese de Doutorado).

FAORO, Raymundo. Mestre Sérgio. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, São Paulo, 23.06.2002, p. 06.

MEYER, Augusto. A casa de Rubião. *A forma secreta*. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981, p. 45-47.

MEYER, Augusto. Cine Insônia. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966, p. 31-38.

MEYER, Augusto. *Literatura e Poesia*. Porto Alegre: s.e., 1931.

MEYER, Augusto. *Poesias (1922-1955)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

MEYER, Augusto. Posfácio. In: *Segredos da infância / No tempo da flor*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / Fundo Nacional da Cultura, 1997, p. 87-89.

MEYER, Augusto. Rua da Praia. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966, p. 123-134.

MEYER, Augusto. *Segredos da infância*. Porto Alegre: Editora Globo, 1949.

NAVA, Pedro. *Balão cativo (Memórias/2)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos (Memórias/1)*. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NAVA, Pedro. *Beira-mar (Memórias/4)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NAVA, Pedro. *Cera das almas (Memórias/7)*. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Editora Giordano, 2006.

NAVA, Pedro. Evocação da Rua da Bahia. In: *Chão de ferro (Memórias/3)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976, p. 349-354.

NAVA, Pedro. *Galo das trevas – As doze velas imperfeitas (Memórias/5)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.

NAVA, Pedro. *O círio perfeito (Memórias/6)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.

POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.